

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte CB

Data 10/10/98

Class. Waimiri-Atroari

475

Índios waimiri invadem mina e cobram pedágio

Eles bloqueiam estrada de acesso e exigem um caminhão de minério a cada 200 que deixam a área, a título de indenização

Manus — Um grupo de 110 guerreiros waimiri-atroari armados invadiu no final da tarde de terça-feira o posto de segurança da mina de cassiterita em Pitinga, no município de Presidente Figueiredo, Amazonas, 110 quilômetros ao norte de Manaus.

A mina, maior produtora de cassiterita (minério de estanho) do mundo, pertence à Paranapanema. Com ela desativada, o Brasil teria que importar esse metal. Os índios querem um reajuste no valor do pedágio — já acertado com a mineradora — pela passagem do minério pela estrada que atravessa a reserva indígena.

Com a invasão do posto de segurança, os waimiri-atroari, que somam 705 índios distribuídos numa reserva de 2,58 milhões de hectares, radicalizaram a posição que vinham mantendo desde domingo passado. Nesse dia, eles bloquearam a estrada de escoamento de minério, de 45 quilômetros de extensão. A estrada liga a mina à BR-174 (Manaus Boa Vista), que passa pelo meio da reserva.

Os índios querem que a empresa lhes dê um caminhão de minério para cada 200 carregamentos que saem mensalmente da mina. A em-

presa, que pertencia à família Lacombe e foi vendida a fundo de pensão, não concorda. Ricardo Dequech, diretor de divisão de estanho da Paranapanema, disse que esse pagamento pode levar a empresa, que tenta se recuperar economicamente, de volta à operação no vermelho.

MANOBRAS

A oferta da Paranapanema aos waimiri-atroari é de R\$ 20 mil ao mês, o que, em dez anos, equivale aos R\$ 1,68 milhão que o governo do Amazonas pagou aos índios para a conclusão da BR-174, ligando Manaus a Boa Vista (RO) e de lá até Caracas, na Venezuela, numa extensão de 3 mil quilômetros.

Por trás da atitude do líder waimiri-atroari da aldeia Xeri, Mário Parwe, a 70 quilômetros da mina, está a mudança de mentalidade dos índios. Muitos deles, como o próprio Parwe, falam e lêem o português.

Com isso, vêm examinando a documentação da Funai e descobriram que foram lesados pelo órgão em manobras no início da década de 70.

De forma irregular, a Funai teria autorizado a Paranapanema a ex-



Armados, os guerreiros waimiri-atroari também reclamam da poluição das águas do rio e dizem que o dinheiro exigido é para recuperar seu território

trair cassiterita do território waimiri-atroari, desmembrando irregularmente uma área de aproximadamente 500 hectares. A tese é sustentada no livro *Waimiri-atroari, a história que ainda não foi contada*, do sertanista José Porfírio de Carvalho.

Receando o pior, Ricardo De-

quech entrou em contato com o Ministério da Justiça e pediu a ajuda da Polícia Federal. "Não sou polícia e nem Funai, e por isso não tenho como resolver todos esses desencontros do passado", justificou-se.

Há anos os índios e um antropólogo que trabalha com eles vêm

denunciando a contaminação das águas do Alalau, rio que corta a reserva, pela mineração da cassiterita.

Na terça-feira à tarde, Mário Parwe e José Maria Lara Warakaxi da aldeia Parurum, a 100 quilômetros de distância da mina, repetiam que a poluição, arruinou a quali-

dade da água onde os índios bebem, se banham e pescam.

Líderes indígenas justificam que querem o dinheiro não para uso direto da tribo, mas para recuperação e manutenção do território que lhes pertence historicamente e que no passado estava livre de problemas ambientais.